



8/17/17



John Carter Brown  
Library  
Brown University

JOHN CARTER BROWN  
LIBRARY

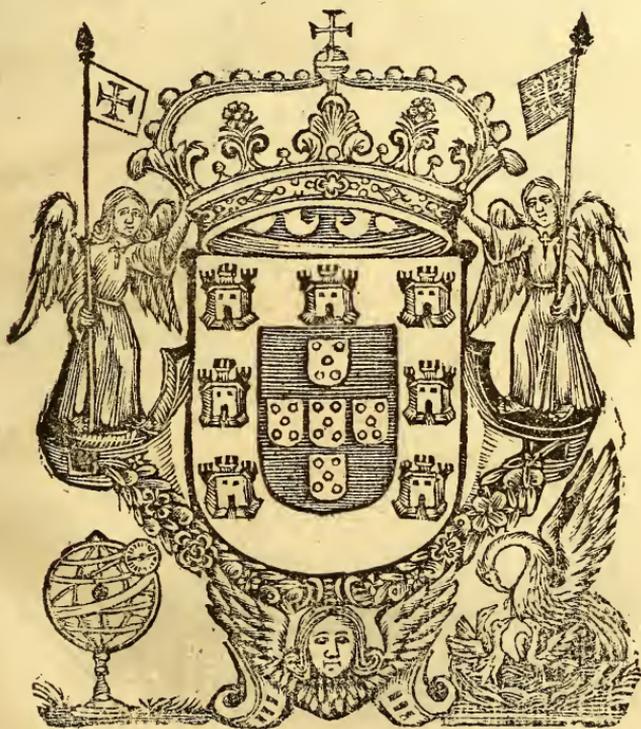
Purchased from the  
Trust Fund of  
Lathrop Colgate Harper  
LITT. D.

SERMAM.

## QVE PREGOV

OP. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA  
de IESVS na caza professã da mesma Companhia em  
16 de Agosto de 1642.

N A FESTA QVE FEZ A S. RO QVE ANTONIO  
Tellez da Silua do Concelho de guerra de Sua Magestade Governador,  
& Capitam Geral do Estado do Brasil &c.



*Com todas as licenças necessarias.*

Em Lisboa na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1642.

1888

Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim  
aperiant ei. Lucæ. cap. 12.



VERDADEIRAMENTE q̄ se algum  
hora préquey sobre thema forçado, se  
algum hora não tiue liberdade de elei  
ção sobre as palauras do Euangelho,  
foy na occasião presente. Nem eu pu  
dera tomar outro thema, que o que  
propuz, nem poderey seguir nelle ou  
tra exposição, que a que logo direy,

de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho  
he querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados  
para quando lhes bater à porta. Isso vem a dizer em sum  
ma as nossas palauras: *Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim  
aperiant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, & de  
que maneyra bate Deus às portas de nossas almas: res  
ponde S. Gregorio Papa no sentido mais literal, que to  
dos seguem: *Pulsat cum per aegritudinis molestias esse mortem  
vicinam designat:* que nos bate Deus às portas d' alma por  
meio das enfermidades do corpo. Se pergũtarmos mais,  
quando, & de que maneyra abrimos com pontualidade  
a Deus; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle  
muytos outro s: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore sus  
cipimus:* que abrimos a Deos com puntualidade, quan to  
o recebemos com amor. De sorte que o bater, & o abrir  
das portas de nossa alma consiste, em bater Deos por en  
fermidade, & em abrimos nos por charidade. *Pulsat per  
aegritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem  
disse eu logo, que nem pudera tomar na occasião presen  
te outro thema, a em seguir nelle outra exposição. Ceie  
ramos

Greg.  
hom. 13  
in Euan  
gel.

Beda cõ  
ment. in  
Lucam.  
Haymo  
homil. 5  
in hoc  
Euang.

bramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo con-  
 fessor de Christo S. Roque, cujas portas fermosissimas  
 d' alma se estaõ vendo taõ batidas, & tam abertas, que  
 duuido qual mais quisesse fazer nellas. a providencia  
 Diuina, se theatro de sua paciencia ao Ceo, se exemplar  
 de sua charidade á terra. Encontraraõse às portas daquel-  
 la alma nõ mesmo tempo duas mãos, por fóra a de Deos  
 batendo, por dentro a de Roque abrindo, & ainda que  
 o amor não se conquista com golpes, quã rigoroso in-  
 stitia Deos no bater, taõ amoroso se mostraua Roque no  
 abrir: Deos batia por enfermidades, *Pulsat per aegritudinis  
 molestias*: Roque abria por charidade, *Aperimus si cum amo-  
 re suscipimus*. Supposta esta conformidade facil do Euan-  
 gelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a S.  
 Roque pella correspondencia marauilhosa, que teue sua  
 charidade com suas enfermidades. E ainda que eu esta-  
 ua mais para pedir ao Santo remedio das proprias, que  
 para ponderar finezas das suas; diremos em quanto pu-  
 dermos com o fauor da Diuina graça. *Aue Maria.*

*Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim aperiant ei.*

I.

**S**UPPOSTO que nos bate Deos às portas d' al-  
 ma por meyo das enfermidades do corpo, hũa cou-  
 za muy singular acho no glorioso fogeito de nossa  
 oração, & he, que foy taõ vigilante feruo S. Roque  
 em acudir ao bater de Deos, que não fôo acudir pontu-  
 almente quando lhe batia às portas proprias, se não tam-  
 bem quando batia às alheas. Lá bateo hũa vez o esposo  
 às portas da alma Santa; & com ser Santa, acudio tam-  
 pouco diligente, que quando chegou a abrir, já o esposo  
 cansado de esperar se tinha partido: *Surrexi ut aperirem d-  
 lecto meo, at ipse declinauerat, at que transferat*. Verdadeirame-  
 te que se a esposa dos Cantares não representara as al-  
 mas de toda a Igreja, creio que deixara Deos a alma San-  
 ta.

ta, & se desposára cõ a alma de Roque. A alma Santa tal vez não acode a Deos, quando lhe bate às portas proprias, S. Roque ou lhe bata Deos ás proprias, ou ás alheas, sempre acode diligente.

E se me perguntão quando aconteceu isto a S. Roque quando acudio com esta puntualidade a hum, & outro bater de Deos? digo que sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos às portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia às portas alheas, por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per agritudinis molestias*. Andando tão feruorosa em hum, & outro abrir sua charidade: *aperimus si cum amore suscipimus*; que das enfermidades alheas adoecia, & com as enfermidades proprias curaua: das enfermidades alheas tiraua doença para si, das enfermidades proprias tiraua saude para nos. Não he modo de encarecer, se não verdade liza. Quando S. Roque sahio de França para Italia, o exercicio, & instituto de vida que tomou, foy seruir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou a muytos milagrosamente) sahio com hũa graue enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando para a patria, & chegandofelhe ofim ditoso de sua perigrinação, permittio o Senhor que fosse ferido de peste, de que morreo em breues dias; mas despois de morto foy achado com hũa taboa nas mãos escritta por ministerio de Anjos, na qual promettia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessão, sararião daquelle mal. Assi que das enfermidades alheas tiraua doença para si, & das enfermidades proprias tiraua remedio para nos. Quando serue aos enfermos, toma por premio a doença: quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saude. Athè aqui puntualidade de acudir a Deos, athè aqui engenhoso artificio, & artificioso extremo de charidade! Adoecer cõ as enfermidades alheas, & curar cõ as enfermidades proprias. Excellencia he esta, que são duas vezes acho escrita, huã vez junta, outra diuidida: se diuidida

uidida, em S. Paulo, & em Christo: se junta, no glorioso S. Roque.

II.

2. Ad  
Corin-  
th. 11.

**V**A Y contando S. Paulo o muyto que tinha pa-  
decido em feruiço dos proximos, & diz assi aos  
Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* que  
homem ha que adoeça, que não enferme eu tam  
bem com elle? nota uel dizer! Parece que ou a charidade  
he hum bem contagiofo, que se pèga a todos os males;  
ou todos os males são contagiosos em respeito da chari-  
dade, que se pegão aquem atem; *quis infirmatur, & ego non  
infirmor?* Mas como pode fer (vamos à razão) como pode  
fer que adoeceffe S. Paulo das enfermidades alheas, & q̃  
sentindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de todos?  
Là os outros enfermauão, & cá Paulo adoezia! como po-  
de isto fer? na charidade do Apostolo temos a soluçõ  
da duuida. Como acharidade effencialmente he vnião,  
& vnião perfeittissima, de tal maneira vne os proximos  
entre si, que se eu tenho charidade, cada proximo he ou-  
tro eu: *ut sint unum, sicut nos unum sumus;* & como por es-  
tes laços sobrenaturaes, os homens se vnem entre si, &  
se identificaõ reciprocamente; daqui vem que pode, an-  
tes deue cada hum adoezer das enfermidades do outro  
porque necessariamente hão de fer os accidentes com-  
muns onde o fogeito he o mesmo. Por isso S. Paulo (& o  
mesmo digo de S. Roque) adoezia das enfermidades a-  
lheas, & sentindo cada hum as suas, elle padecia as de to-  
dos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoezia das  
enfermidades alheas, porque a vnião reciproca do amor  
as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle pa-  
decia o de todos, porque sendo hum sòd per natureza,  
era todos por charidade. *Quem admodum si vniuersa orbis ec-  
clesia esset, sic in vnoquoque membro discruciabatur,* diz S. Ioaõ

Ioaõ.  
17.

Christo Chriostomo. Adoezia em todos por sentimento, porque  
viuia e todos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor?*  
in 2. ad Donde ami me parece podemos dizer por huã certa  
Corinth analogia

analogia que o que lhe faltou a Deos em quanto causa  
 primeira por perfeição de sua simplicidade, supprio S.  
 Paulo, & S. Roque por perfeição de sua charidade. Deos  
 vosso Senhor (como ensinaõ os Theologos) he primeira  
 causa actiua, mas não he primeira causa passiuua. He pri-  
 meira causa actiua, porque por sua immensidade, & om-  
 nipotencia obra com todos os que obraõ, concorrendo  
 juntamente com elles: & não he primeira causa passiuua,  
 porque por sua simplicidade, & immutabilidade não po-  
 de padecer em si, nem receber accidentes extranhos. De  
 maneira que obra Deos com todos os que obrão, mas  
 não padece com os que padecem. Pois esta generalida-  
 de, & extensão, que não tem Deos em quanto causa pri-  
 meira por perfeição de sua simplicidade, esta supprio S.  
 Roque com S. Paulo por perfeição de sua charidade.  
 Deos, como primeira causa actiua, obra com todos os q  
 obraõ: Roque como primeira causa passiuua, padece com  
 todos os que padecem; & assi como he brazão da Omni-  
 potencia Diuina, que ninguem pode obrar sem Deos,  
*in me nihil potestis facere*; assi he brazão da charidade de  
 Roque, que ninguem pòde padecer sem elle. *Quis infirma-  
 tur, & ego non infirmor?*

*D. Tho.  
 in 1. p. q  
 44.*

*Suar. in  
 meth.  
 disp. 22  
 sect 1.*

*Ioan. 16.*

III.

**E**STE sois, diuino Roque: este ao mûdo todo, por  
 beneficios, & este aos Religiosos desta casa por  
 imitação; que pouco fora recebello debaixo de  
 vosso patrocínio, se lhe não communicãreis jun-  
 tamente as gloriosas participaçoens de vosso feruoroso  
 espiritu. Verdadeiramente que quando considero (seja  
 licito, ao menos pellos privilegios de estranho, dizer  
 que venero, & o que admiro) quando considero a ver-  
 dade com que pode dizer a casa de S. Roque: *Quis infir-  
 matur, & ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, q  
 trabalhos ha em Lisboa, que a charidade desta casa não  
 participe? Nos hospitaes, nos carcerees, nas afflicçoens, &  
 sentimentos particulares, que sempre são mais que os pu-  
 blicos

blicos quem os padccc neste grande povo, que naõ reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta caza? Que enfermo que os naõ tenha á cabeceyra? que preso que os naõ ache à grade? que condenado q os naõ leue consigo ao lugar do supplicio? finalmente que necessidade spiritual, ou temporal que naõ venha buscar a qui, ou o remedio, ou o aliuio, ou a companhia? Quando tudo isto confidero, me persuado que deue esta graça a Companhia ao glorioso padroeyro desta casa, & q a gozaõ os Religiosos della, mais por padres de S. Roque, q por filhos de S. Ignacio. Já quando aquelles Anjos peregrinos se agazalhãraõ em caza de Abrahaõ, louua muyto Lypomano a charidade, com que Sara, & Ismael os feruiaõ, mas naõ reconhece nelles esta virtude pello que tinhãõ de parentes, se naõ pello que tinhãõ de domesticos de Abrahaõ. *Vxor accelerat, puer festinat: nullus piger est in domo sapiẽcis.* De maneira que era filho Ismael de Abrahaõ, mas aquella diligencia, & charidade naõ resplandecia nelle porque nascera de seu sangue, se naõ porque viuia em sua casa: era filho diligente, & charitativo, mas naõ era diligente charitativo por filho, senãõ por domestico. *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razaõ tenho eu logo para dizer, que deuem os Religiosos desta casa os feruores de sua charidade a S. Roque mais, que a S. Ignacio; porque de S. Ignacio saõ filhos, mas de S. Roque domesticos. Naõ saõ isto priuilegios da filhação, saõ proueitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida que professãõ os, no exercicio, saõ influencias da casa em que viemos.

Nem eu cuydo que se poderã aggrauar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou estas glorias todas tornaõ a demandar a fõte d' onde ~~na~~ ~~era,~~ & S. Roque tãbem foy filho de S. Ignacio. Naõ digo isto por querer imitar adeuação, com que algũas Religioens perfilhaõ os Sanctos alheos, porque estes piadosos latrocínios soõ se podem dissimular (posto que naõ encu-

Gen. 19.

Lypom.  
in cetera  
hic.

encubrir)na confusão das antiguidades, & a rossa religião he tão pouco antiga, que mais se conhece de vista que de memoria. O que digo, & o q' entendo, he que S. Roque foy. professõ da Ccpanhia em spirito, & filho de S. Ignacio em propheta. A forma de vida, que por morte de seus pães tomou S. Roque, foy esta: renuncia seus estados, que era senhor de Monpelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se forão proprios. Pois, gloriolo Roque, Frãcez Diuino, q' impetude spirito he este v'c'ho? que trocados de vida são estes tão contrapostos? aqui renunciais os bens proprios? alli tomais á v'c'ha conta os males alheos? Si: que isto he fer professõ da Cõpanhia. O instituto da Companhia professã consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios es males alheos. Consiſte em renunciar os bens proprios, porque nenhũa casa professa da Companhia póde ter propriedade algũa, ne minda para o culto Diuino, de que he tão zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & a obrigação dos professos, acudir aos males cõmuns, & dos proximos, como se forão proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professã, & esta a vida, que professou S. Roque, seguindo em propheta os exemplares de seu, & nosso P. S. Ignacio. E para q' não cuyde alguem que preuerto a ordem dos tempos, & chamo exemplares aos que deuera chamar imitaçoens, armeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda é mais anticipada acção o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, & resolução cõ que Rebecca para grangear a benção a Jacob se expoz *Gen. 27* ao perigo da maldição que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudine pradita: verda-deymente Rebecca com granceza de animo Apostolico: Isid. Pe-* otay; Rebecca foy antes da vinda de Christo mais de *Isid. li.* seis mil annos, & ja então diz S. Isidoro que seguia as *2. epist.*

pisadas dos Apostolos, & que copioua em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu Spiritu. E isto como, ou em que? Aduertida mête o Pelusiota. *Vt ipse filius benedictionem consequeretur, bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consiitia esta imitação do Spiritu Apostolico em que Rebecca para negociar a benção a Iacob renunciaua nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeição, & profiliaõ Apostolica, fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porque ofez assi Rebecca, diz S. Isidoro que imitou em prophesia o Spiritu dos primeiros Apostolos; que muyto que fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophesia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a deuação de cada hum o quizer considerar, o certo he que de S. Roque mais immediatamente se deriu aos religiosos desta casa aquelle feruoroso Spiritu de charidade; com que despois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropiãõ tão intimamente dos males dos proximos, que puderão bẽ dizer, se o não callára sua modestia, com o Apostolo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

Assi o dizia S. Paulo, & melhor que assi o pode dizer S. Roque: porque ainda q̃ S. Paulo diga a boca cheia, que adoecia de enfermidades alheas, *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores o interpretão assi, que só adoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porém o zelo, sem exemplar, de Roque; de tal maneyra o entranhaua nos males dos proximos, que não só adoeceia na alma por sentimento compassiuo, se não que chegou a aloecer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeyra; vencendo nesta circunstantia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey, *Tabescere me fecit zelus meus, id est: charitas mea: o meu zelo, aminha charidade*

me faz andar palido, andar enfermo, andar tifico, andar mirrado. Pois como se ozelo charitatiuo he hũa virtude q̃ está na alma, como adoezia de zelo David, & se êtifica ua no corpo? *zelo corpore tabescit?* Glosa aqui a Interlineal. A razão deste excessõ he porq̃ os affectos de nossa alma se são extremadamente intensos ateãose pella viziñhança ao corpo, chegando o corpo apadecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade he hum affecto ardente, chega tal vez a dilatar-se tanto, que não cabendo na estreyteza onde nasceo, ou rebenta o coração, & morrestes: ou se communica ao corpo, & enfermaestes: *tabescere me fecit charitas mea.* Tal foy a charidade de Roque, não chegando a ser tal acharidade de Paulo, para q̃ se veja quão vigilante seruo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vi cum venerit. & pulsauerit: pulsat per agritudinis molestias. Confestim aperiant ei: aperimus si cum amore suscipimus.*

## IIII.

**E** Amor, que era taõ Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, já se vee quão vigilante feria em abrir quando lhe bateffe às suas. Andou taõ engenhosa tambem aqui a charidade de S. Roque, que se lã em emulaçã de S. Paulo soube adoeecer com as êfermidades alheas, cã ã imitação de Christo soubê curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina, he priuilegio soberano q̃ sóo em Christo Senhor nosso se acha, de quem diz o Profeta Isaías, *liuore eius sanat i sumus*, que suas enfermidades, ou dores foraõ nossa faude. Com menos facilidade, mas com mais galantaria o disse o Euãgelista. S. Matheus & he hum dos textos de sua historia, que reconhecem os interpretes por mais difficuloso. Sarou Christo em Capharnaũ grande multidaõ de doentes de diuersas enfermidades, & referindo S. Matheus este milagre, diz *Omnes male habetes curauit, ut adimpleretur quod dictũ est*

Interl.  
hic.

Isa. 64.

per Isaiam prophetam dicentem, ipse infirmitates nostras accepit,  
& agrotationes nostras portauit. Curou Christo todos os en-  
fermos, que lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se  
comprio o que disse o Profeta Isaias, que tomaria Chris-  
to em sy nossas penas, & padeceria nossas infirmitades:  
Notauel allegar de profecias por certo? Se Christo esta-  
ua curando enfermos, & a profecia diz que hauia de pa-  
decer nossas infirmitades, como ie comprio neste caso  
a profecia? Padecer infirmitades, & curar enfermos he  
a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he e Chris-  
to padecer infirmitades que curar enfermos, porque a  
paciencia de suas dores foy o remedio, & medicina das  
nossas: *liuore eius sanati sumus*. Por isso o Euangelista quã-  
do vio a Christo milagrosamente medico, logo o confi-  
derou infalliuamente enfermo, porque aquelles efeitos  
de curar eram certezas de adoeecer. Onde a infirmitade  
era medicina, não podia ter saude quem a daua. *Ei defuit*

Ita San-  
ches sup  
Is. cum-  
pultij.

Oleast.  
in Isa.  
bic.

*sanitas ne nobis deesset*: disse com propriedade o Oleastro.  
Tal o grande, imitador da charidade de Christo S. Ro-  
que; que do sofrimento de suas infirmitades fez mereci-  
mento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem re-  
medio, para q̄ tiueffẽ remedio os feridos de peste. Quem  
viſſe estar morrẽdo do mal de peste a Roque, & o tiueſ-  
se viſto curar milagro samẽte a tantos do mesmo mal, pa-  
rece q̄ podera dizer ao Santo por admiração o q̄ no cal-  
uário differaõ a Christo por afronta. *Alios saluos fecit. s̄*  
*ipsũ non potest saluum facere*: pode saluar aos outros, & a si  
naõ se pode saluar. Pois se fãrou de peste a tãtos, porq̄  
naõ cura tambem a sy? Sabeis porque? Não se curou S.  
Roque aty, porque quiz que saraffemos nos: *Ei defuit sa-*  
*nitatis ne nobis deesset*. Offereceo a Deus sua infirmitad  
por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para  
que saraffemos, morreo para que viueffemos: & ainda  
tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz e  
pregar esta graça em sua vida, para poder testar della na  
morte. Assi o dizião as taboas de seu testar. *ẽto. Ha mai*  
fin

Mat. 27

no amor do proximo?há mais perfeita, há mais diuina  
charidade q̄ esta?Iulgoa por tam diuina,que não foraõ  
menos q̄ demonstraçoens de diuidade em Christo, os  
que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Estaua S. Thomè incredulo da resurreiçaõ cõ os ou  
trosdiscipulos,etra Christo cõ as portas cerradas, abre as  
das maõs, & do lado, chega Thomé, & a penas tinha vis-  
to, ou tocado as chagas, quando cae aos pès do Senhor  
dizêdo: *Dominus meus, & Deus meus*: reconheço Senhor q̄  
sois o meu senhor, & creyo q̄ sois meu Deus. Mais cre  
Thomè do que duuidaua: porque sã duuidaua de hum  
homem refucitado, & reconhece o mais por Deus verda  
deiro. Pois, discipulo incredulo, ategora naõcrieis tão ob-  
stinado, como já credes tão resolutos?E se nunca rec-  
nhecestes em vossõ mestre mais, q̄ a humanidade, como  
o confessais por Deus tam subitamente? q̄ he o que vis-  
tes nelle? que he o q̄ descobristes de nouo? Vi(diz Tho-  
mè) que deixou este senhor as maõs, & lado aberto para  
render minha incredulidade; & quem não fecha as suas  
chagas ,pera ter cõ que curar as minhas, he mais, q̄ ho-  
mem, he Deus: *Dominus meus, & Deus meus*: *Nouo genere ve-  
stigia vulnerum diuinitati perhibent testimonium*: Exclama  
Santo Agostinho: cousa noua, & prodigiosa, que chagas  
de hum corpo humano sejaõ testemunho de natureza di-  
uina. Mas que menos se pode arguir, que diuidade, em  
quem deixa abertas as chagas proprias para ter com q̄  
curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulne-  
rum, ut vulnera sanaret incredulitatis*: diz o mesmo S. Agos-  
tinho. Estes pois que forão argumentos de diuidade em  
Christo, forão effeitos de charidade em Roque; oqual  
podendo sãrar do mal, de que estaua ferido, não quiz fe-  
char suas chagas, para ter com que curar as nossas, & re-  
nunciando, com maior milagre, os milagrosos priuileg-  
ios de sua virtude, quiz morrer indefenso a maõs da pest-  
te, para que a peste morresse a suas maõs. Assi abria Ro-  
que por charidade, quando assi batia Deos por infermi-  
dades.

Ioan.  
20.

*Hoc sen-  
tu in  
terprete  
& Theo-  
logi.*

*S. Aug.  
ser. 156  
de tẽpo-  
re.*

*Serm.  
147. de  
tempore*

dades. *Pulsat per aegritudinis molestias, aperimus se cum amore suscipimus.*

V.

**A**mãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à violencia de sua intercessão; onde eu noto, quã bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento, porq̃ este segundo curar foy premio daquelle primeyro adoeecer. Sobre o. *Præcinget se: & sint lumbi vestri præcincti* do Evangelho, notou com agudeza S. P. Chryso logo que paga Deos na mesma moeda os seruiços q̃ lhe fazê os homens. Cingiuos para me seruir a mi, dis Christo, q̃ eu me cingirey (quem não affombra!) para vos seruir a vos. E como a liberalidade de Deos he tão pontual nas correspondências: com que mais igualmente se hauiã de premiar hum bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Là dissemos ao principio que a charidade de S. Roque é emulação de S. Paulo era hum bem contagioso, que se pegaua aos males: pois em pago de hũa virtude, que he bẽ contagioso, dese a S. Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cousa disto temos em Ioseph.

Amava sua senhora a Ioseph tão perdidamente como sabemos; passou a afeição a locura, passãrão as significações a violencias: deixou lhe em fim o casto moço a capa nas mãos, & daqui se trocou aquelle excessiuo amor em taes excessos de aborrecimento, q̃ dos laços dezejados se forjarão prizões executiuas, & foy posto em ferros Ioseph. Pois, Egiptia infiel, que mudança he esta tão repentina? Pouco ha tanto amor, & à tanto abarrecimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foy de victoria, ficar cõ os despojos nas mãos. Pois, porq̃ não continua teu amor a empresa? porque aborreces tanto, aquem amauas ha tão pouco? Quereis ouuir com admiração, porq̃? Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assim como se  
pegão

pegão as enfermidades, tambem se péga a faude. Se ba-  
 stão os vestidos de hum enfermo para se pegarem os  
 achaques do corpo, tambem bastão os vestidos de hũ  
 Santo para se pegarem os affectos d' alma. Qual cuy-  
 dais que foy o principio da conuerção de S. Paulo? Al-  
 tamente o penetron o juizo de Bernardo. Entie os q̃  
 apedrejauão a S. Esteuão andaua tambem S. Paulo  
 antes de conuertido, o qual foy tão ventarolo q̃ lhe  
 coube a sua conta guardar as vestiduras do martyr.  
*Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vo-*  
*cabatur Saulus. E q̃ se seguiu dahi? Seguiu se, diz S. Ber-*  
*nardo, que pello toque daquellas roupas, começou*  
*Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Esteuão*  
*aqueu apedrejaua, se lhe pegou a mesma feè, porque*  
*Esteuão morria. Depoñuntur vestimenta martyris ad pedes*  
*persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat conuer-*  
*tendus. Com particular prouidencia do Ceo se entre-*  
 gárao ao perseguidor os vestidos do martyr, para que  
 tocandoos se lhe pegasse a feè, & viesse a seguir, como  
 veyo, a ley que perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestium*  
*fuerat conuertendus. Assim se conuerteo Saulo em Paulo,*  
 & assi se trocou o amor da Eglypcia em aborrecimen-  
 to. Ficou a Eglypcia com a capa de Ioseph nas mãos:  
*Relicto in manus eius pallio fugit; & como pellos vesti-*  
 dos dos Sanctos, se pegaõ as inclinaçoens, & affectos  
 d' alma; aborreceõ logo a Eglypcia a Ioseph, porque  
 Ioseph aborrecia a Eglypcia. Communicou selhe o a-  
 borrecimento ao coração pello tacto, & pegou selhe  
 a deffeição de Ioseph, sò porque pegou em suas rou-  
 pas sagradas; *Ad tactum sacrarum vestium.*

Mas d' onde mereceo Ioseph (ainda não fechamos  
 o pensamento) d' onde mereceo Ioseph que se lhe cõ-  
 cedesse ja então o que foy privilegio singular do pro-  
 thomartyr, & que ao toque santamente contagioso de  
 suas roupas se produzisse tão marauilhosos effectos?  
Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-

ma acção teue Ioseph o merecimento, & o premio. E se não, pergunto; porq̃ deixou Ioseph a capa nas mãos da Eglypcia? Deixar em poder de seu inimigo hũa ref- timunha falsa contra sua innocencia, mais he temeridade que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa cõfigo, porq̃ não resiste, porque a larga das mãos? Venturosamente ao intento S. Ambrosio.

*Contagium iudicauit si diutius moraretur. ne per manus adul- teræ, libidinis incentiua transirent, itaque vestem exiit.* Lar- gou Ioseph a capa nas mãos da Eglypcia porq̃ julgou q̃ era mal contagioso seu torpe amor, & não quiz q̃ pel- las roupas se lhe pegasse a peste. *Contagium iudicauit; ita- que vestem exiit. Ah sy!* E Ioseph tem por mal conta- gioso o amor da Eglypcia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph. Vos tendes por mal cõtágioso sua impureza; pois seja bem contagioso vossa castidade. De forte que juntamente naquella capa hũa mal & hum bem, ambos contagiosos: o torpe amor da Eglypcia de cujo contagio fugio Ioseph, & o casto desamor de Ioseph, cujo contagio é parte se pegou à Eglypcia. Pois assi como Deos concedeo a Ioseph que foy se bem contagioso sua virtude, porque teue por mal contagioso o vicio alheo; assi concedeo a S. Roque q̃ sarasse de males contagiosos sua intercessão, porque fora bem contagioso sua charidade. Foy a charidade de S. Roque hum bem tam contagioso, que se lhe pegauão os males, & doenças de todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Pois seja digno premio desta conta- giosa virtude que todos os males se rēdaõ a seu im- perio, & q̃ não haja contagiaõ, nê peste no mundo, on- de chegar a intercessão, & nome de Roque.

VI

**E** S T E S são os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois comodiuno auogado da peste exercitais tão obedecido dominio sobre todos os males cõtágiosos, hũa

*Ambr.  
lib. de  
Ioseph.  
cap. 17.*

tua petição vos quero fazer, que será a matéria desta  
 segunda parte, fio que vos não sejá menos agradavel,  
 que a primeira, porque aos animos dezejosos de fazer  
 bem mais os lisongea quem lhes pede, que quẽ os lou  
 ua. A petição que faço, & a merce que vos peço, di  
 uino Roque, he que liureis o nosso Reyno de duas  
 pestes muy perigosas, que não sey se vão ja corrõmpẽ  
 do o saudauel clima de seus ares. Saõ consequencias  
 da guerra estas tam certas, como danosas: *Surget gens* Mat. 24  
*in gentem, & regnum aduersus regnum, & erunt pestilentia.*  
 Alguns hauera que seguindo a resoluça õ de Dauid de  
 zezariaõ antes remedio para aguerra, que para a peste  
 mas eu pella mesma razão temo mais os rebates da  
 peste, que os rebates da guerra. Poz Deos a Dauid em  
 sua eleiçaõ que de dous, ou tres males, que lhe amea  
 çaua, escolheffe liuremente o que mais quizeffe: & cõ  
 er tão grande soldado Dauid, quiz átes peste q̃ guei  
 ra. A razão deu o mesmo Rey, como aponta o texto: 2. Reg.  
24.  
*Quia melius est vt incidam in manus Domini, quã in manus*  
*hominum.* Porque a guerra estaua nas mãos dos homẽs  
 & a peste nas mãos de Deus; & sempre saõ menores  
 os males, que se dispenlão pella mão de Deos, que os  
 que se executaõ pella mão dos homens. Por esta ra  
 zão temeo mais Dauid aguerra, q̃ a peste, & pella mes  
 ma temo eu mais a peste que a guerra; porque se là a  
 guerra estaua nas mãos dos homens, & a peste nas m  
 ãos de Deus: cá a guerra esta nas mãos de Deus, & a  
 peste nas mãos dos homens. A guerra está nas mãos  
 de Deus, porque Deus a tomou â sua conta, & nos dá  
 tão milagrosos successos como cada dia vemos: a pes  
 te está nas mãos dos homens, porque os homens sã  
 os que êcontrã (ham fallo das tençoens, se não dos  
 effectos) ou ao menos desaju lãõ o bem da patria.

Ora eu me puz a cõsiderar como chamaria a estas  
 duas pestes, que digo, de Portugal; & por lhe não fazer  
 as deffiniçoens cempridas; deffinias assi. Pouca féé.

& Muyta feè. Pouca feè, isto he, pouca fidelidade: Muyta feè, isto he, muyta confiança. Muito confiados & pouco confidentes são em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos liure. Mão he que tenhamos occasião de dizer isto entre Portuguezes, mas pior fo ra se se não estranhàra. Cuido que o mostrarey de ma neira, que ao menos, se não persuadir o remedio, hey de justificar o queixume. Que esteja apestado de pou ca feè Portugal, o pouo o diz commumente, & cuyda que o proua; mas ainda que a authoridade do pouo he tao grande, que ella sò bastou para canonizar a S. Roque: julgue Deos os coraçoes de cada hum, que eu sò das mãos quero fazer juizo. Argumento assi. He certo que nas Cortes passadas, se prometteram subsi dios para a guerra quantos fossem necessarios à con seruação do Reyno. Tambem he certo que se inten taram donatios, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se acrescentou à moe da o cunho, & o preço; & com tudo vemos que he ne cessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectiuo, porque cada hum guarda o seu, & ha muy poucos que paguê o que lhes toca. Os muyto poderosos, por priuilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum tratta de lançar a car ga aos hombros do outro, & tal vez cae no cham por que não ha quem a sustente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo que ha pouca feè em Portugal. Feè tam apertada de mãos, não he verdadeyra feè.

*Sic, S.* Diz Christo no nosso Euangelho: *Lucerna ardetes Antoni in manibus vestris*: Que tenhamos tochas acesas nas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da feè; porque diz Christo que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da feè, no entendi mento se produzem, no entendimento se recebem; pois se a feè está no entêdimêto, como a poê Christo agora nas mãos: *Lucerna ardetes in manibus vestris*?

Hua

Hũa razaõ muy verdadeyra he, porque a feè practica que Christo aqui ensinava, não confite tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Não he mais fiel quem melhor discorre, se nam quẽ concorre melhor. Por isso nos representa Christo a feè em figura de tochas; porque a tocha se està accesa, gasta se, & se não se gasta, està apagada. O quantas tochas, que pudèram luzir gloriosas, se vem nesta occasiam apagadas miseravelmente ! *Lucerna ardetes in manibus vestris*. Portuguezes; se a feè he tam ardente como deue ser, veja se luzir nas mãos. Apertarem se as mãos, he final de frieza, & que não arde fogo no coração. Amauam muyto os Magos, & criam verdadeiramente naquelle Rey que acclamáram em Ierusalê, & como sabios, vede a protestaçam q̃ fizeram de sua feè. *Proidentes adorauerunt, & apertis thesauris suis, obulerunt*. Postrados por terra adorárão, & abrindo seus thesouros offereceraõ. S. Leam Papa. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Na liberalidade com que dauam, protestaram a verdade com que criam; & por que ahi costuma estar o coração onde está o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus coraçãoens. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur*. Se víssemos que entrauam os Magos em o presépio, & q̃ vendo naquelle estado a seu Rey, lhe não faziam seruiço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muyta razam que não criam nelle verdadeiramente, & que aquellas cortezias foram enganosas, & aquellas adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerecer (quãdo o Principe está em necessidade) dobrar os juelhos & não abrir os thesouros, não he vicio de auareza, he crime de infidelidade. Feè, & liberalidade são virtudes synonimas, & quẽ està duuidoso no dar, não està firme no crer. O que os Magos offereceraõ a Christo foy Ouro, Incenso, & Mirrha; E dizem todos os Pa-

Matt. 2.

Leo ser.  
3. de E-  
piphan.

Vtraq̃.  
Glossa.

C 2

confessa-

confessaram que era Rey: no incenso, que era Deus: na myrrha, que era homem. *Auro Regem, thure Deū, myrrha mortalem.* O grande confirmação do que dizemos! De sorte que interpretaram os Magos a feè pella liberalidade, & para confessarem tres artigos, offereceraõ tres donatiuos. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortale.*

Remig.  
Hilar.  
Amir  
August.  
Hier.  
Greg.

Pois se afeè se explica pella liberalidade, se odar he synonimo do creer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas maõs, *Auro Regem;* como naõ teme rey eu que ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca feè em Portugal, quando a liberalidade se preuerteo e cubiça, & em vez de se pagarem tributos, pode ser q se multipliquem latrocinios? He bom genero de feè esta? Eu o direy. Perguntáram os ministros reaes a S: Pedro se haviã seu mēstre de pagar o tributo a Cesar & respondendo que si, mandou Christo a Pedro que fosse pescar, que na boca do primeiro pexe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me, & te: & pagai, Pedro, por mi, & por vos.* Notay. Christo era Senhor do mundo, S: Pedro era principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vos, *daeis pro me, & te,* porque os tributos dos Reys, principalmente em tempo de necessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs ninguem he priuilegiado: sintam todos o mal que toca a todos. Mas naõ era isto o que eu que ria ponderar. O em que muito reparo he em mandar a providencia de Christo, que S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava por razam de officio ao Apostolo, que tinha o dinheyro; pois se Judas era o thesoueyro ou procurador, se Judas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porq naõ manda Christo pagar o tributo a Judas? Direy o porq? porq quem tinha animo para vender a seu Senhor, naõ tinha sitio para pagar o tributo. Naõ pagou o tributo Judas, porque os Judas naõ pagam tributos. Ve-

Matt.  
17.

se agora se ha sospeitas de pouca feè, se ha feridos e infidelidade em Portugal.

Glorioso Santo, esta he a p<sup>ri</sup>meyra peste de q<sup>ue</sup> vos vejo nos liureis este Reyno; & se não fora por temor e algũa irregularidade, não sey se vos pedira també ue acuraffeis como a curou S. Pedro. Defraudou Ananias parte do preço, que deuia por todo aos peës dos Apostolos, como agora fazem alguns que pagam decima, mas decimada: mandao vir diante de si S. Pedro, julga o crime summariamente, notiffalhe a sentença em tres palauras, & foram tam rigorosas, & executiuas. que no mesmo ponto com assombro, & terror dos circunstantes cahio morto a seus peës Ananias. Tanto rigor em hũ discipulo de Christo, na piedade de hum Apostolo, nas entranhas d' hũ S. Pedro, & por hũa culpa ao parecer não tam pezada? Si, diz Santo Ambrosio, & dà a razaõ. *Tanta erat infectus auaritie pestilentia, ut Sanctus cum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sentença de morte repentina S. Pedro a Ananias por defraudador semente do preço prometido; porque como estaua inficionado com a peste da auareza, & podia inficionar, & apestar outros, teue por melhor tirarlhe a vida, que esperar he com perigo a emenda. Com este rigoroso remedio se curou ja algũa infidelidade em Portugal, exemplo que he bem ande nas memorias sempre viuo; mas nos fielmente Portuguezes bastenos o do glorioso S. Roque para que assi como elle deu estado, riquezas & quanto possubia pella patria do Ceo, demos nos também com apostada resoluçam quanto temos pella de fensam da nossa. Ainda ha commendas, ainda ha rendas, ainda ha joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houuer sangue nas veas, hauera muito q<sup>ue</sup> dar. Deese tudo pella patria, que nella fica, affi como deu S. Roque tudo para nella o achar. E se o

Act. 5.

*Ambrosio  
ser. 13  
de Sanctis.*

*Pierius.*

exemplo de S. Roque, por alto, nos desfama, & ha olhos fracos, que cegam com tanta luz; abaxemos hum pouco a vista, & veremos retratada aos pees do Santo hũa açcão irracional, mas generosa, q̃ quanto mais falta do ṽso da razão, estranha, & reprehende mais iustamente as sem razoes da infidelidade humana. Todos os Authores antigos fizeram a o cam symbolo da fidelidade, & quando esta nobreza naõ fora tam antiqua naquelle animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua specie. Estaua S. Roque no cãpo deitado ao pè de hũa aruore pobre, desconhecido, solitario, enfermo; & no meyo deste desamparo tinha hũ cam q̃ leuando todos os dias hum pam na boca s̃e comer delle bocado, o sustentaua. Isto sy q̃ he ser leal; isto si que he ser exẽplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Lastima he que carecesse tal generosidade de vzo de rezam, quando vemos tantas almas racionaes tam mal empregadas em sojeitos de menos honrados procedimentos.

## VII.

**A** Segunda peste (muyto me detiue na passada; será esta a peste pequena) A segunda peste, deffinise, Muyta fêe, ou muyta confiança, & deste mal està inficionada muita gẽte, que se chamaõ os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em Portugal que sem estarẽ tam longe de Castella, como Roma de Cartago, nem as diuidir hum mar, se naõ hum pequeno rio, & a algumas hũa linha Mathematica; tam confiadas estam de si mesmas, que por mais q̃ sam mandadas fortificar, naõ se fortificam, ha uendo (a maneyra dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos naõ s̃o necessarias muralhas. Ha homens em Portugal q̃ sem terem gastado os annos nas escholas de Flandes, nẽ campeado nas fronteiras de Africa, por mais que os mandam ter armas, & exerci-

exercitallas, tem por affronta, ou por ociofidade este exercicio; como se fora contra os foros da nobreza preuenir a defenfam da patria, ou pudèram, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homẽs exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo à porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he couardia; mas descõfiar por cautella, he prudencia. Não quero descõfiarça que faça desmayar; descõfiança que faça preuenir, si. E este segundo modo de descõfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algũas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal preuenidos. A moderada descõfiança, não he achaque, se não esmalte da valentia. O valente dizẽ que ha de ser descõfiado. Ao menos hũ soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foy valente ao descõfiado; S. Roque. O que pondero he que deixou S. Roque hũa vez a patria, & despois se tornou para ella. Que deixasse a patria quem queria seguir a Christo, com seguro dictame obraua; que no remaõo perigoso da patria, principalmente os poderosos como S. Roque, mais occasiam tem de offèder, que de seruir a Deos. Pois se deixa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em hũa, & outra resoluçam obrou como descõfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porq̃ descõfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria por que descõfiou de sua fugida. Como se fizera este discursõ o Santo entre valente, & descõfiado comsigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? não ha outro se não fugir: alto, deixemos a patria. E despois de ater deixado, como se tornara sobre si: fugir (diz Roque) he couardia: não querer vir às mãos com o inimigo, he pouco valor. Pouco valor em hũ

3. Reg.  
19.

1025

Soldado de Christo? Naõ ha de ser assi: animo, volte-  
mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retrata  
do. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida,  
chega ao deserto, & começa acharnar, & desafiar amor-  
te. *Petiuit anima sue ut moreretur*. Tudo succedeo no  
mesmo dia para ser mais achada a repugnancia. Se teme  
o Propheta a morte, como a chama? E se foge del-  
la na cidade, como no deserto a desafia? Sam desconfi-  
anças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio  
da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no de-  
serto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fú-  
gida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o  
temor, & a ouzadia: temeo, & ouzou Elias sempre des-  
confiado, para em hũa, & outra acçam se mostrar va-  
lente. Tam longe està de valente o timido, como o te-  
merario; & se em algũa parte està mais perigosa a cõ-  
feruaçam, he na presunçam de segúra. Nem aqui nos  
faltara o Euangelho.

Quer Christo que estejamos em vella, b em assi co-  
mo o fazem os seruos diligentes, que esperam por seu  
Senhor. *Vt cum venerit, & pulsauerit*. (Aqui reparo) para  
que quando vier, & bater. Bater? Logo fechadas ham  
de estar as portas. Pois se se fazem tantas diligencias,  
por pressã, & mais pressã, se ham de estar as roupas na  
cinta, se ham de estar as tochas nas maos, & essas ja ac-  
cesas; porque naõ estaram tambem as portas abertas?  
Porque ensinava Christo seus discipulos a ser vigilan-  
tes, & naõ bastam para a segura vigilancia olhos abertos  
com portas abertas: se naõ olhos abertos com por-  
tas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsauerit*. Para que qua-  
ndo vierem de fõra, achẽ em que bater primeiro. E se  
naõ bastam olhos abertos com portas abertas; q̃ seria  
portas abertas com olhos fechados? Por semelhãte des-

*Virgil.* cuydo se perdeo Troja. *Panduntur portæ*: Eis ahi as  
*Eueid.* portas abertas. *Inuadunt urbem somno, vino que sepultã*.  
2. Eis ahi os olhos fechados. O que importa he moderar  
a confiança

a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que se tem trabalhado tanto, a empreza foy muito grande, & he necessario mais.

VIII.

**E** O que mais necessario he que tudo ( ategora como a Portugueses, agora como a Christãos ) he q̃ as negligencias de dentro não desanimẽ, & descomponhaõ as diligencias de fõra. Quem me dera neste passo as forças, & o spirito, que não tenho. He possivel que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da diuina misericordia, não façamos senão proueccar com peccados a diuina justiça ! que quando deuõramos andar humildes, & agradecidos a tantas merces, armemos os fauores do Ceo contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deus com seus beneficios ! que ainda se guarde pouca justiça ! que ainda se trate pouca verdade ! que agora reynem mais as inuejas ! que agora estejaõ mais em seu ponto as ambiçoens ! que agora, por que Deos está por nõs, nos ponhamos nõs contra elle ! que boa confiança esta ? Grandes motiuos nos tem dado Deos de grande confiança ; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoẽs. *Et vos estote parati* ( diz Christo por conclusaõ do Euangelho ) *quia, qua hora non putatis, filius hominis veniet.* Estay preparados, & preuenidos, porque a hora em que menos o imaginais, vos pedirã conta da vida. Muito he difficultar Christo o remedio em hũa hora a quem o pòde ter num instante ! Se hum instante basta ( que tal he a bondade de Deos ) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as breuidades de hũa hora ? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opiniaõ gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece, não ha duuida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia, quedemasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos of-

D feu-

Tertul.  
lib. de  
Penit.  
cap. 7.

fenden doo, he venerar hum attributo com injuria dou-  
tro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser me-  
nõs bom. *Abfit ut ita aliquis interpretetur:* Dees nos hure  
de sermos tam mãos interpretes de sua bondade ( diz  
Tertuliano) *quasi ex redundantia clementia celestis, libidi-  
nem faciat humana temeritatis:* que nos sirua de tentação a  
liberalidade diuina, & façamos costas a nellas temeri-  
dades cõ os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entendimentos grãde, que  
nos traga desuanecidos, & descuydados, o que nos de-  
uera fazer humildes, & temerosos. Porque Castilla se  
vay precipitado a tam conhecida ruina, nos damos nõs  
por seguros? O miseria! porque Castilla se vê em esta-  
do, que já não pôde resistir a seus inimigos, nos imagina  
mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alègranos vã-  
mente o q nos deuera confundir, animanos o q nos deu-  
era affombrar, & enchenos de confianças, o q nos deu-  
ra encher de temor. Não fallo do temor q faz timidos,  
senão do temor q faz timoratos; não do temor que faz  
temerosos dos homês, senão do temor q faz tementes a  
Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado con-  
tra Castilla, & a castiga tam rigorosamente? Não ha du-  
uida q por seus peccados, por suas maldades, por suas in-  
justiças, por suas soberbas, por suas incõtinências, &c. boas  
testemunhas fomos, como cõplices hũ tẽpo dos mesmos  
delictõs. Pergũto mais. O Deus de Castilla, he o mesmo q  
o de Portugal, ou outro? Esta pergũta nã tẽ resposta. Pois  
se o Deus he o mesmo; & em Castilla castiga peccados;  
como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castel-  
la tem a ruina em seus vicios; como auemos nõs de ter  
a segurança nos nossos? Oh q bem apertou a força desta  
razão o Propheta Nabum, fallado cõ a cidade de Tyro.

Nab. 3

*Numquid melior es Alexandria populorum, quæ habitat in flu-  
minibus, &c.* Por ventura, õ Tyro, sois vós melhor que a  
grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas Prouin-  
cias? Por ventura, õ Portugal, sois vds mayor, & mais

popu-

populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiit in transmigrationem;* & com tudo Alexandria, ó Tyro, foy destruida: & com tudo Hespanha, ò Portugal, vay se acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilmente o mundo, assi a castiga, & anihila Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, cõ q se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defende, se tantas frotas, & tantos milhoes a não socorrem, se tantas orações ( q he mais] se tanto culto diuino, se tantas penitencias, & sacrificios não bastão a ter mão no braço irado da diuina justiça: se tanto prouoção a Deus os peccados de Hespanha; porq não teme Portugal os seus; porq os não teme, & os não chora? Nam nos femos indiferetamente em milagres, & fauores do Ceo; porq em grãdes misericordias ensaya Deus grandes castigos: & todo este bem perderemos, se formos ingratos. Cõ grãdes milagres, & prodigios liurou Deus ao pouo de Israel do catiueiro de Pharaõ, em q estauão; & cõ tudo, de tãtos mil q sahiraõ do Egypto, porq peccaraõ despois de tam grande merce, sò dous entrãraõ na terra de promissaõ. Libertou-os Deus por affligidos, & despois castigou-os por ingratos. Fiquenos esta aduertencia, Christaõs, cõsideremos bem esta verdade, obremos pellos dictames deste desegano, para q saybamos o q principalmente deuemos temer, & sobre q bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & seruir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para que sejaõ efficazes estes remedios, Roque diuino, debaxo de vossa protecção, & fauor esperamos os effeitos de sua virtude. Francez, & Portuguez sois, glorioso Sancto; & em hum, & outro titulo estaõ bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos socorrerá q

hum

hum Francez, quando as florentes Lizes de França, cõ tam hermanada correspondencia, assistem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez, & mais verdadeyro, que aquelle, que nasceo com o habito de Christo sobre o peito esquerdo, publicando q era caualleiro Francez por geraçãõ, mas Portuguez por nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encõmedo, diuino Roque, pois tam duplicadas saõ as razoens com que confia em voffo fauor. Encommendous esta Cidade, que com tanta deuaçãõ, & frequencia solemniza voffas sagradas memorias. Encommendous esta Casa, que tam autorizada estã com voffo patrocínio, & tam rica, & tam sanctificada com o thesouro de voffas preciosas reliquias. Encommendous; mas não vos encommendo, que naõ he necessario, a vossa real, & illustrißima Irmandade, em que vos seruireão os Reys, & vos serue a melhor nobreza; & particularmente, como tam particular nella, vos encõmedo, glorioso Santo, a quẽ hoje cõtã lãbrada preuençãõ, & cõ tam anticipada liberalidade celebra vossa festa aufete. A pessoa, a causa, os beneficios pedem que tenhais boas aufencias cõ quem as sabe rer tam pontuaes; & ainda que em distancia tanta, lá chega tambem a jurdiçãõ milagrosa de vossos poderes, que a hostilidade de nossos mal reconciliados amigos, que ainda aly não cessa, peste foy daquelle estado, & peste do mundo. Deste mal tam pernicioso nos ajuday a liurar, poderoso Sancto, aquella tam dilatada Prouincia, a mais rica, & mais preciosa joya desta Cõroa; para que ou no descanso de verdadeyra paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quẽ vos serue, & a gouerna, & o sempre, & em toda a parte efficz patrocínio de vossa sagrada intercessãõ, pella qual esperamos tambem, mediante a graça, a gloria. *Quam mihi, &c.*

L A V S D E O .

Taixaõ este Sermãõ em  
Mensees.

reis em papel, 31. de Outubro de 642.  
Ribeiro.

CA642

V658.sp





